

A PRÁXIS NA ATUAÇÃO DA ULEPICC-BRASIL NO BRASIL PÓS-GOLPE

THE PRAXIS IN ULEPICC-BRASIL'S PERFORMANCE IN BRASIL AFTER THE COUP

LA PRAXIS EN LA ACTUACIÓN DE ULEPICC-BRASIL EN EL BRASIL POSGOLPE

Anderson David Gomes dos Santos

■ Docente da Unidade Educacional Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do grupo de pesquisa Crítica da Economia Política da Comunicação (Cepcom/UFAL) e da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme).

■ *Profesor de la Unidad Educativa Santana do Ipanema/Campus Sertão de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL). Doctora en Comunicación por la Universidad de Brasília (UnB). Miembro del grupo de investigación Crítica de la Economía Política de la Comunicación (Cepcom/UFAL) y de la Red Nordeste de Estudios en Medios y Deporte (ReNEme).*

■ Email: anderson.gomes@santana.ufal.br

Manoel Dourado Bastos

■ Doutor em História pela Unesp. Bacharel e Mestre em Comunicação pela UnB. Professor Associado do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Líder do Grupo de Pesquisa Cubo - Economia Política da Comunicação e Crise do Capitalismo. Ex-presidente da Ulepícc-Brasil de 2020 a 2022.

■ *Doctor en Historia por la Unesp. Licenciatura y Máster en Comunicación por la UnB. Profesor Asociado del Departamento de Comunicación de la Universidad Estatal de Londrina. Coordinador del Programa de Postgrado en Comunicación de la Universidad Estatal de Londrina. Líder del Grupo de Investigación Cubo - Economía Política de la Comunicación y Crisis del Capitalismo. Ex Presidente de Ulepícc-Brasil de 2020 a 2022.*

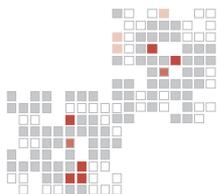
■ Email: manoel.bastos@gmail.com

Verlane Aragão Santos

■ Professora titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal de Paraná (UFPR). Vice-líder do grupo de pesquisa Observatório de Economia e Comunicação (Obscom-Cepos/CNPq). Presidenta da Ulepícc-Brasil (2022-2024).

■ *Profesora titular de la Universidad Federal de Sergipe (UFS). Doctora en Desarrollo Económico por la Universidad Federal de Paraná (UFPR). Líder adjunta del grupo de investigación Observatorio de Economía y Comunicación (Obscom-Cepos/CNPq). Presidenta de Ulepícc-Brasil (2022-2024).*

■ Email: velorca2010@gmail.com



RESUMO

Este artigo busca apresentar a importância da Ulepicc-Brasil (seção Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura), estruturante de um subcampo científico de perfil crítico e contra-hegemônico na Comunicação, a partir de 2016, contexto demarcado pela crise do modelo democrático brasileiro e de ataques ao ensino e à pesquisa universitárias. Utiliza-se de investigação qualitativa, a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, para descrição e análise das atividades desenvolvidas pela entidade. As quatro gestões do período seguem um mesmo projeto político-acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: ULEPICC-BRASIL; ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO; DISPUTA TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA; CRISE DO CAPITALISMO.

ABSTRACT

This paper seeks to present the importance of Ulepicc-Brasil (Brazil section of the Latin Union of Political Economy of Information, Communication and Culture), structuring a scientific subfield critical and counter-hegemonic in Communication, from 2016, a context marked by the crisis of the Brazilian democratic model and attacks on university teaching and research. It starts with qualitative research, from bibliographical and documentary research, for the description and analysis of the activities developed by the entity. The four boards of the period followed the same political-academic project.

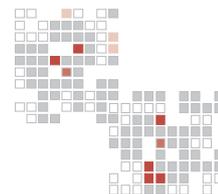
KEY WORDS: ULEPICC-BRASIL; POLITICAL ECONOMY OF COMMUNICATION; THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL DISPUTE; CRISIS OF CAPITALISM.

RESUMEN

Este artículo busca presentar la importancia de Ulepicc-Brasil (sección Brasil de la Unión Latina de Economía Política de la Información, Comunicación y Cultura), estructurante de subcampo científico crítico y contrahegemónico en Comunicación, desde 2016, contexto marcado por la crisis del modelo democrático brasileño y los ataques a la enseñanza y la pesquisa universitarias. Se usa de una investigación cualitativa, desde la investigación bibliográfica y documental, a la descripción y análisis de las actividades de la entidad. Las cuatro juntas del período siguieron el mismo proyecto político-académico.

Palabras clave: Ulepicc-Brasil; Economía Política de la Comunicación; Disputa teórico-epistemológica; Crisis del Capitalismo

PALABRAS CLAVE:



1. Introdução

A Ulepicc-Brasil, seção Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, foi criada em março de 2004, como resultado de articulação de pesquisadores de um subcampo interdisciplinar que parte da Crítica da Economia Política para analisar os processos de mediação social, especialmente aqueles produzidos pela Indústria Cultural e seu processo de convergência midiática no capitalismo contemporâneo.

Este artigo busca apresentar a importância da Ulepicc-Brasil como entidade estruturante de um subcampo científico de perfil crítico, radical e contra-hegemônico na Comunicação especialmente a partir de 2016. Trata-se de um contexto demarcado pelo aumento dos processos de autoritarismo, que afeta diretamente a produção científica e comunicacional.

Acredita-se que é num momento assim, acentuado pelo agravamento da crise econômica global com a pandemia da Covid-19, a partir de 2020, que uma perspectiva teórica crítica ao capitalismo se mostra mais necessária. De maneira que, enquanto entidade acadêmica, é ainda mais relevante desenvolver processos de articulação com outras instituições científicas, mas também com organizações e movimentos sociais e populares.

Parte-se aqui de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com métodos histórico e descritivo, baseada em pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre a importância dos estudos em Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura (EPC); e em pesquisa bibliográfica e documental, esta a partir do site da Ulepicc-Brasil, para descrição e análise das atividades desenvolvidas pela entidade num momento de crise do modelo democrático brasileiro e de ataques ao ensino e à pesquisa.

O recorte temporal percorre quatro gestões da Ulepicc-Brasil, do final de 2016 até o momento

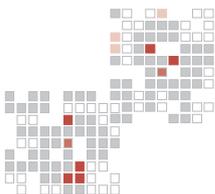
da escrita deste artigo (junho de 2023), presididas por: César Ricardo Siqueira Bolaño, Anderson David Gomes dos Santos, Manoel Dourado Bastos e Verlane Aragão Santos. Compreende-se que há uma continuidade no projeto desenvolvido desde então na entidade, com a necessidade de apontar também para os encaminhamentos pensados na gestão atual para o futuro.

Assim, além desta introdução, este artigo conta com outras três partes: apresentação do perfil teórico dos estudos da EPC brasileira, marco da base que constitui epistemologicamente a Ulepicc-Brasil; a descrição das mudanças estruturais internas e a atuação externa da entidade no período recortado; e as considerações finais, apontando aspectos essenciais da proposta apresentada na Carta de Londrina, de 2022.

2. Diferencial teórico da EPC brasileira

As linhas de força desenroladas pela crise do capital em torno dos anos 1970 deram o ensejo para um estudo crítico renovado sobre a centralidade que informação, comunicação, cultura e conhecimento adquiriram no processo de autovalorização do valor. Recuperando as vigas mestras produzidas pela interpretação clássica da Indústria Cultural apresentada pelos frankfurtianos desde os anos 1930, esse pensamento crítico renovado enfrentou o desafio de elaborar categorias e métodos capazes de elucidar como a importante, mas até então reconhecida como secundária, esfera “do espírito” alcançou papel decisivo na reprodução do capitalismo.

Para tal, se colocou a tarefa de repensar os aportes marxistas sobre comunicação e cultura, que haviam avançado importantes e diversificadas avaliações em diferentes regiões. No caso latino-americano em geral e brasileiro em particular, um conjunto robusto e significativo de pensadoras e pensadores se colocou a refletir sobre as questões pertinentes à realidade da Comunicação no



continente, avançando temas, categorias e métodos, ainda incipientes, mas que carregavam uma força de conjunto heurística prenhe de uma organização mais sistemática – essa produção pode ser conferida em antologia organizada por Bolaño (2022).

O primeiro passo a fim de sistematizar categorias e métodos que vieram a desembocar na EPC foi dado por César Bolaño (2004) com a dissertação denominada *Mercado Brasileiro de Televisão*, defendida em 1987 no então Departamento de Economia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e publicada em livro no ano seguinte.

Tratava-se de um encontro com o que de melhor o pensamento econômico havia produzido no continente, com significativos avanços sobre o que se consolidou com o estruturalismo latino-americano da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), principalmente Celso Furtado. Com isso, Bolaño venceu as carências teóricas que o pensamento econômico brasileiro fez ressoar nas investigações sobre comunicação, encontrando um objeto (a indústria cultural no capitalismo tardio) e um método (o estudo da concorrência por meio de instrumentos da microeconomia) para lidar com os temas colocados por pensadoras e pensadores que o precederam (Bastos, 2019).

O segundo passo demarcou um relevante caráter marxista para a EPC produzida no Brasil, que constitui sua contribuição mais original. Trata-se dos resultados alcançados com a tese defendida por Bolaño em 1993 no Instituto de Economia da Unicamp e publicada com o título *Indústria cultural, informação e capitalismo* (Bolaño, 2000). Na contramão da desconfiança ante o pensamento marxista que dominou o ambiente acadêmico após a crise do socialismo realmente existente, quando perspectivas pós-modernas dominaram o cenário intelectual das universidades no Brasil e no mundo, Bolaño

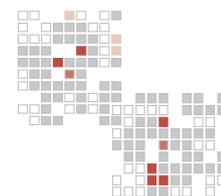
se dedicou a formular uma alternativa teórica completa à Comunicação cujo centro está na crítica dialética própria ao método da derivação das formas (Bolaño, 2015).

Ao entender a comunicação como uma forma social, Bolaño (2000) promove sua derivação a partir da informação como sua célula mais elementar, partindo de um nível alto de abstração e acompanhando-a a par e passo em três momentos lógicos decisivos presentes em *O Capital*, de Marx (2017), a saber: a circulação simples de mercadorias, o terreno oculto da produção e a cooperação simples do trabalho.

Essa abordagem permite elaborar suas funções decisivas próprias ao capitalismo (ou seja, publicidade e propaganda) e, em seguida, formular o plano mais concreto da Indústria Cultural segundo uma abordagem regulacionista. Os esquemas daí desenvolvidos, com seus padrões e funções específicas, foram pensados para explicar principalmente o modelo audiovisual e de radiodifusão próprios ao capitalismo monopolista, mas continuam mostrando sua vitalidade no estudo específico das redes sociais (Figueiredo, 2019), como das plataformas digitais (Bastos e Bernardi, 2022; Bolaño, Barreto e Valente, 2022).

A partir daí, a EPC alcançou importância institucional no Brasil, principalmente com a formação do Obscom (Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe), da Rede Eptic e do grupo de trabalho (GT) dedicado ao tema junto à Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), todos criados na década de 1990.

No GT, o pensamento desenvolvido por Bolaño encontrou outras abordagens que vieram a se somar à consolidação de uma EPC produzida no Brasil. Destaque-se, dentre outras, as formulações bastante originais de Simis (2015) sobre o cinema. A autora aborda, a partir de



uma abordagem própria à sociologia histórica, as relações entre Estado e Cinema no Brasil, linha de análise importante para a perspectiva de avaliação do hegemônico modelo audiovisual no país. A partir daí, desenvolveu estudos muito relevantes sobre diversos aspectos do cinema até o debate sobre políticas culturais.

Também é relevante apontar a participação de Herscovici (1995), com uma crítica ao modelo neoclássico, a partir de abordagens heterodoxas não marxistas, que avança elementos importantes para as polêmicas contemporâneas sobre valor e informação.

As investigações de Suzy dos Santos sobre regulação da televisão e que desembocaram na perspectiva crítica do coronelismo eletrônico (Santos, 2006) também se deram no contexto do GT e geraram o PEIC (Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia da Informação e da Comunicação), importante grupo na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que hoje também abriga pesquisas centrais sobre gênero e raça no âmbito da EPC.

A esse cenário desencadeado pelo GT no âmbito da Intercom podemos acrescentar as contribuições de Marcos Dantas sobre o capital-informação (Dantas, 1996), com uma pesquisa dedicada à comunicação presente na fábrica (Dantas, 2012).

Em linhas largas, esses são os eixos pioneiros da EPC produzida no Brasil. Se eles não chegam a formar uma escola com perspectivas de teoria e método em comum, reafirmam preocupações gerais compartilhadas.

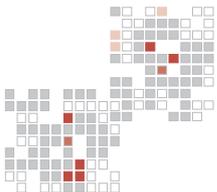
Por exemplo, as investigações produzidas por Bolaño geraram diferentes resultados em novos pesquisadores que, entre fins dos anos 1990 e início dos anos 2000, produziram trabalhos centrais para a EPC. Brittos (2022) sofisticou um conjunto dos instrumentos de análise apresentados por Bolaño (2004), detalhando a concepção de barreiras à entrada e oferecendo

novos usos da categoria de padrão tecno estético, além de continuar a história econômica da televisão no Brasil para o período caracterizado pela multiplicidade de oferta.

Já Ruy S. Lopes (2008) fixou-se nas perspectivas derivacionistas e regulacionistas apresentadas por Bolaño (2000; 2015) para oferecer uma original análise da centralidade da informação no capitalismo na entrada do século XXI. E Verlane Santos (2008) dedicou-se a estudar as transformações estruturais das telecomunicações segundo as categorias desenvolvidas por Bolaño (2000), concentrando-se no mundo do trabalho do setor. Posteriormente, apresentou originais contribuições para o estudo da indústria da música em Sergipe (Santos e Varjão, 2016).

A essas investigações devemos acrescentar, dentre outros estudos: o estudo pioneiro de Dourado sobre jornalismo a partir da EPC (Dourado, Lopes e Marques, 2016); sobre televisão pública de Ivonete Lopes (2015), que hoje se dedica a uma relevante pesquisa sobre questão racial; de Carvalho (2012) sobre os conflitos em torno do modelo de televisão digital a ser adotado no Brasil; de Anderson Santos (2019) sobre os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de futebol, que atualmente desemboca numa Economia Política do Futebol; de Figueiredo (2019), por meio da EPC, a respeito da relação entre trabalho e comunicação, principalmente no jornalismo; sobre internet, convergência, televisão e plataformas digitais, desenvolvidos por Barreto (2018) e Valente (2021); as relevantes investigações desenvolvidas na Ciência da Informação por Bezerra, Schneider (Bezerra et al, 2019) e Marques (2018); as intersecções, de interesse tanto epistemológico quanto empírico, entre EPC, teoria da crise e teoria marxista da dependência produzidas por Bastos (Bastos, Bernardi e Loncomilla, 2022).

Esse conjunto de trabalhos, ainda que não apresente uma substância unívoca, demonstra



a pujança da EPC produzida no Brasil. Deste modo, a necessidade de configuração de uma associação de caráter internacional, em âmbito latino, voltada para a EPC, conforme se observou no início do século XXI, necessariamente teve uma participação central de pesquisadores brasileiros. A União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura (Ulepicc) teve originalmente em sua seção brasileira um eixo decisivo que, desde 2004, tornou-se um vetor organizativo na luta epistemológica que atravessa a Comunicação.

3. Mudanças estruturais e lutas da Ulepicc-Brasil

A escolha pelo recorte histórico a partir de 2016 se deve a um período bastante delicado para o Brasil, com reflexos para as entidades de pesquisa. Foi o ano do golpe que afastou da Presidência da República Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores), demarcado pelo crescimento da extrema-direita nas ruas, redes sociais e poder – que teve seu ápice na eleição de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da República em 2018.

Além disso, internamente, a Ulepicc-Brasil vivia uma transição na gestão após a diretoria de 2014-2016 passar por troca de presidente, o que afetou processos estruturais. Ao mesmo tempo, o capítulo Brasil desde 2013 passava por dissidências com a Ulepicc – entidade de pesquisa em formato original de federação, que continha os capítulos de Brasil, Espanha e Moçambique.

Foi nesse cenário que Bolaño assumiu a presidência da Ulepicc-Brasil. Em entrevista, o pesquisador destacou a importância da entidade como a que agregava a pesquisa crítica no campo comunicacional, algo bastante relevante naquele período, pois a EPC tinha “o conhecimento dessa realidade de falta de democratização [da comunicação], que talvez em outras disciplinas não se tenha, porque esse é nosso objeto de

pesquisa” (Bolaño, 2016).

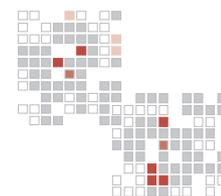
Além disso, há preocupação naquele momento para o fortalecimento das relações internas, com destaque para a construção da SOCICOM (Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação) e o avanço para a internacionalização da entidade de pesquisa. Para Bolaño (2016), a pesquisa da EPC brasileira desempenhou “um papel chave na organização do campo latino-americano e a nossa pretensão [...] é resgatar esse vanguardismo do campo brasileiro, considerando-se como parte do campo latino-americano”.

Da mesma forma, seria importante construir relações com outras entidades de pesquisa críticas de outros campos:

[...] apresentar a Economia Política como um paradigma mais geral, e a Economia Política da Comunicação como um elemento capaz de fomentar esse tipo de diálogo. Embora se trate de um entre outros paradigmas do campo da comunicação, como está muito vinculado a um paradigma mais geral do materialismo histórico, essa interdisciplinaridade é favorecida. (Bolaño, 2016)

A partir disso, consegue-se perceber o intuito da Ulepicc-Brasil em atuar em algumas esferas: contexto político muito ruim para a pesquisa; necessidade de regulação de mercados de informação e comunicação; luta pela difusão contra-hegemônica de informação; atuação mais regular e em espaços públicos a partir de organizações científicas gerais; internacionalização sob um modelo de maior autonomia e voltado à América Latina; e ajustes internos.

No último ponto, acresce-se ainda algo que foi demandado em assembleia realizada em 2018: a necessidade de a Ulepicc-Brasil ter como projeto uma preocupação maior sobre a



representatividade de raça e gênero, partindo de uma perspectiva crítica (Santos; Carvalho; Urupá, 2020).

Começando com as questões contextuais:

A Ulepicc-Brasil fez todo o possível para atuar junto às entidades nacionais e aos setores do Estado responsáveis pelas políticas de comunicação, educação, ciência e tecnologia; aos movimentos sociais pela democratização da comunicação e aos diferentes movimentos sociais para os quais as políticas de comunicação e as ferramentas comunicacionais são de particular importância (Santos; Carvalho; Urupá, 2020, p. 300-301)

A relação com a SOCICOM pode ser representada pela presença de associados da Ulepicc-Brasil em suas gestões, incluindo Fernando Paulino como presidente e Ruy Sardinha Lopes como presidente do Conselho Deliberativo, de 2020 a 2022. Atualmente, Anderson Santos é diretor de Relações Internacionais.

A articulação desenvolvida no período possibilitou produtos como a “Agenda Congresso da Semana”, parceria com o Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, em 2019 e 2020, para envio da agenda de temas de interesse da área comunicacional que seriam discutidos no Congresso Nacional. Isso evitaria surpresas num momento de governo de extrema-direita.

Outro produto foi a articulação para a participação de entidades brasileiras na “consulta pública ‘Contribuições para uma regulação democrática das grandes plataformas que garanta a liberdade de expressão na internet’ [...], elaborada por organizações latino-americanas em 2019” (Santos; Carvalho; Urupá, 2020, p. 304). Depois, o resultado dos debates realizados foi publicado (Observacom, 2020).

De 2019 para cá, tratar da necessidade de

regular as plataformas de internet virou ainda mais um assunto fundamental. A Ulepicc-Brasil propôs ou teve associados e diretores em eventos, assinou manifestações e participou de reuniões a partir desta temática.

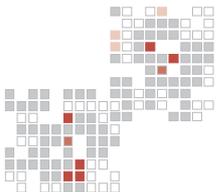
Além disso, indicou e participou da articulação da reeleição de Marcos Dantas (ex-presidente da Ulepicc-Brasil de 2015 a 2016) para ser um dos representantes acadêmicos do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), de 2017 a 2023.

Reforçou-se ainda a atuação em fóruns de entidades científicas mais gerais num momento histórico delicado para ensino e pesquisa universitários.

Numa área mais próxima, estabeleceu-se atuação em conjunto com outras entidades da Comunicação no Fórum de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Letras e Artes (FCHSSLA), espaço relevante para a pressão por políticas públicas de investimento nos campos científicos que o compõem e para uma melhor discussão sobre normas de ética da pesquisa específicos.

Desde o FCHSSLA, conseguiu-se evitar mais retrocessos nas políticas sobre educação, ciência e tecnologia com o apoio ou construção de atividades com a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Dentre outros espaços, a entidade procura participar da Marcha Pela Ciência, atividade anual da SBPC. Outro destaque foi o seguinte conjunto de atividades:

Em 8 e 9 de maio de 2019 ocorreu o “#CiênciaOcupaBrasília”, com audiência pública conjunta entre as Comissões de Educação e de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicação, articulada pela SBPC na Câmara dos Deputados, sobre corte de gastos para o ensino superior e para produção científica; além de reuniões com o ministro de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Marcos Pontes (Santos; Carvalho; Urupá, 2020, p. 301)



Na Comunicação, reforçou-se a presença da EPC como grupo na ALAIC (Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação), com a presença dos ex-presidentes Ruy Sardinha Lopes e Anderson Santos na coordenação; e a manutenção do grupo na Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação), após reativação em 2022.

Além disso, a Ulepicc-Brasil foi fundamental para a aprovação em 2019 e funcionamento do grupo de trabalho em EPC do CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), cuja atuação está garantida até 2025. Bolaño coordena desde o início o grupo, com Daniela Monje e Isabel Ramos.

Ao assumir a gestão que iniciou em 2018, Santos (2018) apontou que: “Por cultura acadêmica, temos muita dificuldade em dialogar com a sociedade, gerar uma relação direta com movimentos sociais, mesmo aqueles que atuam diretamente no setor da Comunicação”. Ainda que compreendamos que a Ulepicc-Brasil precise dar mais passos quanto a isso, assim como todo o campo da Comunicação, algumas coisas foram feitas.

A primeira, já citada, foi a “Agenda Congresso da Semana”. Além dela, até o limite de atuação específica no cenário político iniciado em 2019, “a Ulepicc-Brasil fez parte da Frente Parlamentar pela Democratização da Comunicação (Frentecom) e [... acompanhou] diretamente a Frente em Defesa da Empresa Brasil de Comunicação [Pública] (EBC)” (Santos; Carvalho; Urupá, 2020, p. 303). Buscou-se também servir de mediadora para apoios de outras entidades da Comunicação e indicação ou proposição de debates e produções.

Quanto às questões estruturais, a pandemia da Covid-19 diminuiu o ritmo de processos de mudanças na Ulepicc-Brasil, que teriam como marco o evento a ser realizado em 2020, em Ilhéus-BA. Ainda assim, além da renovação de estatuto e regimento, é possível identificar outras

questões relevantes.

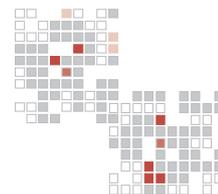
Uma delas foi o debate e a consulta sobre a desfiliação formal da Ulepicc, em 2019. Segundo a direção daquele momento (ULEPICC-BRASIL, 2019):

Pautamos a necessidade de fortalecimento da organização nacional para o enfrentamento das atuais condições políticas do país, mas também exortando uma futura construção e adequação da entidade internacional segundo novos marcos. Não se trata, portanto, de inviabilizar qualquer relacionamento com as entidades e organizações internacionais, mas de um necessário e urgente reforço da associação nacional. [...] Temos certeza [de] que os colegas dos demais países não interpretarão nosso movimento como um isolamento, muito pelo contrário.

Para o fortalecimento interno, os grupos de trabalho da entidade passaram por mudanças significativas.

Num processo distinto de outros países, a Ulepicc-Brasil fortaleceu os laços com a Ciência da Informação enquanto disciplina que a constitui, consolidando-se, em 2018, do grupo “Estudos Críticos em Ciência da Informação” (Santos; Carvalho; Urupá, 2020).

A partir da demanda sobre estudos de gênero, raça e identidade assumida como encaminhamento a ser mais bem direcionado após a assembleia de 2018, a diretoria da Ulepicc-Brasil realizou em 2019 um processo de reestruturação dos grupos a partir de metodologia participativa, considerando uma etapa inicial, com “comitê com duas sócias e dois sócios, sob mediação da presidência da entidade, para avaliar os GTs existentes e propor mudanças” (Santos; Carvalho, Urupá, 2020, p. 293-294). E, em seguida, discussão ampliada e consulta digital com associados.



Dentre outros resultados, alguns mudaram de nome para consolidar a subárea, casos de: “Comunicação popular, alternativa e comunitária”, que substitui “pública” por “popular”; “Políticas culturais e economia política da cultura”, que ganhou o “economia política”; e “Teoria e Epistemologia da Economia Política da Comunicação”, que era “Epistemologia da Informação, da Comunicação e da Cultura”.

O GT “Teorias e temas emergentes” foi excluído, por considerar-se que os demais grupos abarcam diálogos com outras áreas científicas. Enquanto outros três foram mantidos: “Políticas de Comunicação”, “Indústrias Midiáticas” e “Estudos Críticos em Ciência da Informação”

Além disso, dois novos foram criados, considerando demanda e articulação para pesquisa em EPC: “Economia Política do Jornalismo” e “Estudos críticos sobre identidade, gênero e raça”.

Sobre a questão da diversidade de estudos representada no último GT, A. Santos (2018) definia como algo a ser continuado, com a assembleia demandando cuidado maior, mas sem esquecer da regionalidade: “Este debate vem sendo tratado desde a escolha de nomes para a diretoria, com a anterior tendo, pela primeira vez, mais mulheres que homens; sem esquecer da importância da representação regional, pois há muita coisa diferente fora dos estados mais ricos do país”.

É importante frisar, como afirma V. Santos (2020), que a Ulepícc-Brasil conta e contava com representantes de universidades de estados periféricos e já havia tido presidenta, Anita Simis, de 2008 a 2010, vice-presidenta de 2012 a 2014; um negro presidente, Ruy Sardinha Lopes, de 2010 a 2012; e uma vice-presidenta negra, Ivonete de Souza Lopes, de 2016 a 2018. Anita e Ruy assumiram também outras coordenações de grupos ligados à EPC. Depois, Verlane Aragão Santos foi vice-presidenta na gestão 2020 a 2022 e

assumiu a presidência a partir de 2022.

Ademais, como observa V. Santos (2020), as características de representação na entidade, para o conjunto de pessoas associadas, não deixam de refletir, como ocorre no caso da produção intelectual em geral, a dinâmica estrutural de gênero e raça na sociedade como um todo. Nesta direção, a entidade busca também pensar a formação de jovens, especialmente mulheres (e negras) e negros em EPC, o que demanda articulação e organização de ações específicas¹.

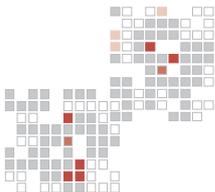
O entendimento compartilhado, aderente à crítica desenvolvida pela EPC e à busca de uma práxis renovada no interior da Ulepícc-Brasil, é a de atuação conjunta nos temas relacionados ao gênero e à raça com a de classe, aliando produção acadêmica, teórica e empírica, à parceria com os movimentos sociais e populares, para a produção de conhecimento, formação e ação política, com trocas mútuas de experiências e saberes.

4. Conclusões

O esforço das direções recentes da Ulepícc-Brasil descrito neste artigo em ocupar e atuar de forma consequente nos espaços institucionais, acadêmicos e de discussão e deliberação na sociedade civil mais ampla, qualifica-se à medida que se soma às ações em três direções.

A primeira é a de dar sequência à produção intelectual no âmbito das suas atividades – encontros bianuais, nos grupos de trabalho (inclusive em outras associações), nas publicações, nas mesas virtuais e nos grupos de pesquisa –, que se traduz na contribuição efetiva para os problemas postos pela atual fase do capitalismo, dada a especificidade teórico-metodológica dos estudos em EPC.

¹ Vide carta de intenções da chapa eleita em novembro de 2022, para o atual quadriênio, disponível em <https://ulepicc.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Chapa-Diretoria-Ulepícc-2022-2026-NOS-A-ULEPICC-BRASIL.pdf>. Acesso em 7 de junho de 2023.



A segunda direção é, na busca e efetivação de parcerias com os movimentos sociais e populares, posicionar a crítica contra-hegemônica da Ulepicc-Brasil na práxis das lutas sociais e contra todas as opressões.

Por fim, e em relação orgânica com as demais frentes, a expansão da atuação da Ulepicc-Brasil, respeitando a tradição e os laços já constituídos, na América Latina e na África, em perspectiva anticolonial e anti-imperialista. As linhas de orientação desse processo são definidas na “Carta de Londrina”, aprovada na assembleia da associação em 2022.

O documento assinala e ratifica a reorientação sobre os vínculos institucionais e o embate político com a associação federativa:

Se a ULEPICC federal não nos serve, tornando urgente uma ruptura formal definitiva, não podemos abrir mão nem da nossa condição de grupo fundador do projeto original, [...] principal protagonista dessa construção, nem da perspectiva latino-americana e aberta ao pensamento africano e periférico em geral, num momento em

que a decadência da intelectualidade europeia salta aos olhos. *Numa situação em que o conjunto da América Latina se vê impelido à unidade para fazer frente a um sistema imperialista confrontado por uma crise de hegemonia profunda, é fundamental reivindicar a nossa identidade como parte da Pátria Grande – e não de uma mal definida cultura latina ou ocidental –, agregar novos sócios latino-americanos e rebatizar a nossa entidade, mantendo sua forte presença nacionalmente e voltando-se para sua vocação internacional, especialmente na América Latina e na África. (ULEPICC-BRASIL, 2023, grifos nossos)*

O caminho que se coloca é de desafios significativos e necessários no sentido de fortalecimento e consolidação de uma associação científica que assume seu papel na luta epistemológica, momento imprescindível na produção de uma intelectualidade crítica e da luta política, construindo e participando desta luta na arena social mais ampla.

Referências

BARRETO, Helena Martins do Rêgo. *O mercado de comunicações brasileiro no contexto da convergência: análise das estratégias do Grupo Globo e da América Móvil*. 369 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BASTOS, Manoel Dourado. *Indústria cultural e capitalismo tardio: Origens da Economia Política da Comunicação no Brasil em Mercado Brasileiro de Televisão*. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, n.142, p.187-202, 2019.

BASTOS, Manoel Dourado; BERNARDI, Guilherme; LONCOMILLA, Gina Viviane Mardones. *Diálogos entre a Teoria Marxista da Dependência e a Economia Política da Comunicação para o século XXI: As novas tramas do imperialismo na América*

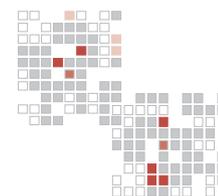
Latina e a comunicação como forma social. *Chasqui*, Quito, n.150, p.97-112, ago-nov, 2022.

BASTOS, Manoel Dourado; BERNARDI, Guilherme. *Plataformas digitais, autonomização da informação e a crise A negatividade imanente da forma social da comunicação no capitalismo financeiro*. *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, n.24, p.1-19, dez, 2022.

BEZERRA, Arthur Coelho et al. *iKritika: estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BOLAÑO, César. *Indústria cultural, informação e capitalismo*. São Paulo: Hucitec/Pólis, 2000.

BOLAÑO, César (coord.). *Economía política de la comunicación y la cultura en América Latina, 1970 y 1980*. Buenos Aires: CLACSO, 2022.



- BOLAÑO, César. *Mercado Brasileiro de Televisão*. 2ª ed. São Paulo: Ed. da PUC, 2004.
- BOLAÑO, César. *Campo aberto*. São Cristóvão: Edise, 2015.
- BOLAÑO, César. Entrevista com César Bolaño, novo presidente da ULEPICC-br. [Entrevista concedida a] Carlos Figueiredo. *Portal Eptic*, São Cristóvão-SE, 3 dez. 2016. Disponível em: <https://eptic.com.br/entrevista_bolano_ulepicc/> Acesso em: 07 jun. 2023.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; DO RÊGO BARRETO, Helena Martins; VALENTE, Jonas Chagas Lúcio. Para a análise teórico-metodológica das plataformas digitais como estruturas de mediação a partir da Economia Política da Comunicação. *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, Buenos Aires, n.24, p.1-20, dez, 2022.
- BRITTOS, Valério Cruz. *Estudos culturais, economia política da comunicação e o mercado brasileiro de televisão*. Buenos Aires: CLACSO, 2022.
- DANTAS, Marcos. *Trabalho com informação: valor, acumulação, apropriação nas redes do capital*. Rio de Janeiro: CFCH-UFRJ, 2012.
- DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DOURADO, Jacqueline Lima; LOPES, Denise Maria Moura da Silva; MARQUES, Renan da Silva (Org.). *Economia política do jornalismo: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional*. Teresina: EDUFPI, 2016.
- FIGUEIREDO, Carlos. Algoritmos, subsunção do trabalho, vigilância e controle: novas estratégias de precarização do trabalho e colonização do mundo da vida. *Revista Eptic*, v. 21, n.1, jan-abr, 2019.
- FIGUEIREDO, Carlos. Jornalismo e Economia Política da Comunicação: elementos para a construção de uma teoria crítica do jornalismo. *Âncora*, v.6, p.12-28, jan-jun, 2019.
- HERSCOVICI, Alain. *Economia da Cultura e da Comunicação*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995.
- LOPES, Ivonete da Silva. *TV Brasil e a construção da rede nacional de televisão pública*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.
- LOPES, Ruy Sardinha. *Informação, conhecimento e valor*. São Paulo: Radical livros, 2008.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. Trabalho e valor nas mídias sociais: uma análise sob as lentes do marxismo. *Trabalho & Educação*, v.27, n.3, p.111-130, set-dez, 2018.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MAURÍCIO, Patrícia. *Conflitos na TV digital brasileira*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.
- OBSERVACOM. *Padrões para uma regulação democrática das grandes plataformas que garanta a liberdade de expressão online e uma Internet livre e aberta*. Montevideu: Observacom, 2020.
- SANTOS, Anderson. Entrevista com Anderson Santos, presidente da ULEPICC-Brasil. [Entrevista concedida a] Paulo Victor Melo. *Portal Eptic*, São Cristóvão-SE, 4 dez. 2018. Disponível em: <<https://eptic.com.br/entrevista-com-anderson-santos-presidente-da-ulepicc-brasil/>>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- SANTOS, Anderson. *Os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol*. Curitiba: Appris, 2019.
- SANTOS, Anderson David Gomes dos; CARVALHO, Patrícia Maurício; URUPÁ, Marcos. Contribuições da Ulepicc-Brasil ao campo da Comunicação e à sociedade. In: BIANCO, Nelia R. Del; LOPES, Ruy Sardinha. (Org.). *O campo da comunicação: epistemologia e contribuições científicas*. São Paulo: Socicom Livros, 2020. p.290-308.
- SANTOS, Suzy. E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras. *E-Compós*, Brasília, v.7, p.1-27, dez, 2006.
- SANTOS, Verlane. Entrevista com Verlane Aragão Santos. [Entrevista concedida a] Anderson David Gomes dos Santos e Manoel Dourado Bastos. *Eptic*, São Cristóvão-SE, v.22, n.3, p.75-81, set-dez, 2020.
- SANTOS, Verlane Aragão. *A firma-rede e as novas configurações do trabalho nas telecomunicações brasileiras*. São Cristóvão: EDUFS, 2008.
- SANTOS, Verlane; VARJÃO, Demétrio Rodrigues. Mercado de Música em Sergipe: Estado, capitais e Indústria Cultural. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, SP, v.11, n.3, p.199-214, set-dez, 2016.
- SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ULEPICC-BRASIL. Carta de Londrina. *Ulepicc-Brasil*, São Cristóvão-SE, 7 fev. 2023. Disponível em: <<https://ulepicc.org.br/wp-content/uploads/2023/02/Carta-de-Londrina-2022.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- ULEPICC-BRASIL. Consulta: Relação com a Ulepicc (federação). Ulepicc-Brasil, São Cristóvão-SE, 23 set. 2019. Disponível em: <<https://ulepicc.org.br/consulta-relacao-ulepicc/>>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- VALENTE, Jonas CL. *Das plataformas online aos monopólios digitais*. São Paulo: Dialética, 2021.

Recebido em 09/06/2023. Aceito em 15/09/2023.

